



# Ishizuchi Jinja: Sobrevivência Xinto-budista no contexto brasileiro

## *Ishizuchi Jinja Shinto: Shinto-Buddhist survival in the Brazilian context*

Ronan Alves Pereira\*

**Resumo:** Este artigo apresenta dados preliminares sobre a “Ishizuchi Jinja do Brasil”, um grupo religioso criado em meados dos anos 1950 por imigrantes japoneses, em Mogi das Cruzes (SP). A crença na divindade Ishizuchi está relacionada ao universo do sincretismo xinto-budista voltado para determinadas montanhas sagradas.

**Palavras-chave:** Ishizuchi Jinja; sincretismo; Xintoísmo; Budismo; Shugendô

**Abstract:** This paper presents preliminary data about the Ishizuchi Jinja do Brasil, a religious group created in the mid-1950s by Japanese immigrants of Mogi das Cruzes city, state of São Paulo. The belief in Ishizuchi is a product of the Shinto-Buddhist syncretism centered on the cult of certain sacred mountains.

**Keywords:** Ishizuchi Jinja; syncretism; Shintoism; Buddhism; Shugendô

### Introdução

Os estudos sobre religiões japonesas no Brasil vêm avançando bastante nas últimas décadas. Entretanto, ainda se conhece pouco sobre a maioria desses movimentos religiosos. O caso mais ilustrativo desta realidade é o dos grupos que se definem como xintoístas. Excetuando trabalhos de Takashi Maeyama e Masako Watanabe, não se encontram senão citações muito breves da existência de uns poucos santuários como *Sanso Jinja* 蚕祖神社, *Dois Galhos Jinja* ドイス・ガリヨス神社, *Kaminoya Yaoyorozukyô* 神の屋八百万教 e *Kompira Jinja* 金比羅神社. Porém, praticamente, não há pesquisa de campo intensiva sobre esses grupos. Frente a essa situação, o presente trabalho apresenta dados preliminares de uma pesquisa recém-iniciada com o grupo religioso *Hakkoku Ishizuchi Jinja* (伯国石鎚神社) ou *Ishizuchi Jinja do Brasil*.

---

\* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Professor titular da Universidade de Brasília.

Primeiramente, serão fornecidas informações sobre sua origem no Japão, suas crenças básicas e sua difusão no arquipélago japonês e no exterior. A seguir, será apresentada uma breve descrição histórica desse grupo no Brasil.

### Origem do Ishizuchi Jinja no Japão

O santuário *Ishizuchi Jinja* 石鎚神社 está localizado no Monte Ishizuchi (*Ishizuchi-yama* 石鎚山), em Ehime, uma das quatro províncias da ilha de Shikoku. Não se sabe ao certo quando e como começou a crença na divindade que habita essa montanha. Alguns livros antigos mencionam certos ascetas que lá teriam feito práticas religiosas. O livro *Nihon Ryôiki* 日本靈異記 (“Relatos Miraculosos do Japão”),<sup>1</sup> por exemplo, faz menção da presença do asceta Jakusen 寂仙 nessa montanha; por sua vez, o livro *Montoku Jitsuroku* 文徳実録<sup>2</sup> relata como o asceta Jôsen 上仙 teria tido domínio sobre espíritos e demônios, enquanto esteve no monte Ishizuchi.<sup>3</sup> Vários outros religiosos também estiveram na montanha com o fito de se exercitarem espiritualmente.

Isto foi concedendo ao Monte Ishizuchi a reputação de moradia de “homens-santos” (*hijiri* 聖). Todavia, a lenda diz que o costume da peregrinação e das práticas místicas nessa montanha remonta a En no Ozunu 役小角, asceta que se acredita ter vivido no Japão na segunda metade do século VII e início do século VIII. Este religioso lendário está associado a inúmeras montanhas sagradas do Japão, desde o Monte Yoshino até o Monte Kumano. Sabe-se ainda que, durante o reinado do imperador Keichô 慶長 (1596-1615), foi construído o santuário *Jôjusha* 成就社. Este pequeno santuário passou a compor o conjunto de edificações e marcos que, atualmente, delimitam o Monte Ishizuchi como espaço sagrado.

### Crenças

Assim como acontece no Xintoísmo tradicional, na vertente da Ishizuchi, também não há livros sagrados, mas sim, livretos de orações. Essa devoção envolve elementos de origens distintas, sendo que o mais óbvio se refere ao culto às montanhas.

Na tradição religiosa japonesa, *sangaku shinkô* 山岳信仰 é um termo que inclui crenças, mitos, ritos, deuses, santuários, práticas ascéticas e festivais, todos

<sup>1</sup> Título abreviado do livro *Nihon-koku gen-hôsen aku ryôiki*, escrito pelo monge budista Kyôkai/Keikai 景戒, do templo Yakushi de Nara. Escrito no começo do período Heian (794-1185), esta é uma das mais antigas coletâneas de contos do tipo *setsuwa* 説話.

<sup>2</sup> Título abreviado do livro *Nihon Montoku tennô jitsuroku* 日本文徳天皇実録 (“A verdadeira história do imperador Montoku do Japão”), de 879. Trata-se do quinto dos seis textos clássicos de história japonesa.

<sup>3</sup> Cf. M.SUZUKI, Masataka “Ishizuchi Shinkô”. In: *Encyclopedia of Shinto*.

relacionados a determinadas montanhas sagradas (como os Montes Fuji, Ontake, Ishizuchi e outros). Essas práticas nativas, ao se misturarem com crenças importadas (sobretudo as budistas e, em menor escala, as taoístas), deram origem a diversas religiões e confrarias (*kô* 講 ou *kôsha* 講社). Entre estas, destaca-se o *Shugendô* 修験道 ou *Yamabushi-dô* 山伏道 (a via do *yamabushi* 山伏, asceta montanhês que aplica seus poderes sobrenaturais a serviço da população).

*Shugendô* é o caminho do *shugen*, da prática e controle de poderes místico-religiosos extraordinários (*gen*) obtidos por meio da austeridade ascética. Esse movimento religioso tem como fundador o já mencionado En no Ozunu 役小角, que também é conhecido por En no Gyôja 役行者, En no Ubasoku 役優婆, En no Shôkaku 役小角, Jimben Dai-Bosatsu 神變大菩薩 e Jimben-Sama 神變様.

O *Shugendô* surgiu da herança religiosa pré-histórica de montanhas sagradas no Japão, tornou-se organizado sob a influência das seitas budistas Tendai [天台] e Shingon [真言], durante e depois do período Heian [794-1185], e finalmente floresceu por todo o país em sedes locais nas montanhas. Como uma organização religiosa, o *Shugendô* contém uma ampla variedade de fenômenos religiosos: de ascetismo a crenças populares, de hierarquia centralizada a paróquias de vilarejos, de simbolismo esotérico a exorcismo, de doutrina abstrata a festivais periódicos.<sup>4</sup>

As montanhas mais altas do Japão têm sido consideradas sagradas por se acreditar que sejam moradas dos “deuses das montanhas” (*yama no kami* 山の神). Antigamente, os japoneses não identificavam uma fronteira muito explícita entre seus próprios antepassados e esses deuses. Estes eram vistos como divindades protetoras que, do alto das montanhas, protegem os homens. Com a chegada do Budismo esotérico da Shingon no século IX, trazido da China por Kôbô Daishi 弘法大師 (ou Kûkai 空海), essas crenças antigas foram reforçadas e legitimadas por um tipo de conhecimento mais complexo. Desde então, determinadas montanhas japonesas vêm recebendo xintoístas e budistas para práticas ascéticas e, em alguns casos, esotéricas.

A crença na divindade Ishizuchi está relacionada, portanto, a esse universo do sincretismo xintoísta-budista voltado para as montanhas sagradas japonesas. Enquanto expressão religiosa, ela enfatiza a purificação mediante a austeridade ascética com água (*shubatsu* 修祓, *suigyô* 水行) e a união com a divindade (e a natureza) por meio da escalada de determinadas montanhas (no Japão, o Monte Ishizuchi; no Brasil, a montanha na Serra do Mar, entre Mogi das Cruzes e Suzano).

<sup>4</sup> H.B.EARHART, *A Religious Study of The Mount Haguro Sect of Shugendô*, p. ix.

O Monte Ishizuchi é venerado como a divindade *Ishizuchi* 石鎚 ou a moradia desta deidade, que é representada por três imagens ou formas. Cada uma dessas formas possui características próprias e detém um dos Três Tesouros Imperiais, ou seja, as pedras preciosas *magatama* 勾玉, o espelho e a espada. Note-se que esses três objetos são prerrogativas e símbolo do poder e legitimidade do imperador japonês. De todo modo, essa divindade também é conhecida pelos nomes alternativos de *Iwatsuchi-Hiko-no-Mikoto* 石土毘古命, *Ishizuchi-Hiko-no-Mikoto* 石鎚毘古命 ou *Ishizuchi-Ookami* 石鎚大神, e é tida como sendo irmã da deusa do sol e ancestral da família imperial, *Amaterasu-Oomikami* 天照大御神.

No Brasil, ela é por vezes chamada de “Santo da Pedra” ou, simplesmente, “o Santo”. Por vários séculos, quando o Monte Ishizuchi está aberto à peregrinação (*o-yama-biraki* 御山開き) entre o dia primeiro e o dia dez de julho, milhares de fiéis vestidos de branco sobem ao topo da montanha. Na ocasião, as três pequenas estátuas da divindade (*goshinzô* 御神像) são carregadas até o topo e, depois, de volta ao santuário no sopé da montanha. Enquanto passam a estátua pelo corpo, os peregrinos oram pedindo saúde e proteção. Somente no dia primeiro mantém-se o costume antigo de não se permitir que as mulheres subam a montanha (*nyonin kinsei* 女人禁制).

Nas crenças populares japonesas, há uma grande preocupação com as noções de pureza e poluição, como sendo extremos de um *continuum* no qual se situam deuses, espíritos, almas e mortais. Enquanto certas pessoas podem se aproximar da pureza divina por intermédio de rigorosos e elaborados rituais, alguns indivíduos e a alma de um recém-falecido podem estar num estado extremo de impureza. Entre os mortais, as mulheres são consideradas ligeiramente mais “impuras”, sobretudo em razão do sangue menstrual, tido como fonte poderosa de poluição. Por esta razão, as mulheres não podiam tradicionalmente subir certas montanhas sagradas ou conduzir determinadas cerimônias.<sup>5</sup>

### Difusão da crença

A partir do período Edo (1600-1868), houve a criação de confrarias religiosas (*kô* 講), com o propósito de organizar peregrinações anuais ao Monte Ishizuchi. Inicialmente, essas confrarias estavam restritas às proximidades do monte, mas houve também a formação de confrarias nas atuais províncias de Kôchi, Hiroshima, Okayama e até mesmo na ilha de Kyûshû. Desse modo, o culto a Ishizuchi continuou influente por várias partes do país. Diz-se, por exemplo, que o fundador do movimento religioso *Konkôkyô* 金光教, Bunjirô Kawate (1814-1883), teria

<sup>5</sup> Cf. H.BEFU, *Japan - An anthropological introduction*, pp. 104-108.

sido influenciado por esse culto. No final do século XIX, o governo iluminista do imperador Meiji (1868-1912), ao deslançar um projeto de modernização do país, procurou, por um lado, coibir práticas “supersticiosas” (aos olhos dos ocidentais) como as dos *yamabushi* e, por outro, implementar uma política de reorganização do Xintoísmo em torno de um culto à pessoa do imperador, o que envolvia a separação dessa religião com o Budismo.

Assim, o santuário Ishizuchi foi compulsoriamente classificado pelo governo como santuário xintoísta no nível de província (*kensha* 県社). Com a liberdade de culto no pós-guerra, este santuário passou, em 1946, a entidade religiosa legal (*Ishizuchi Honkyô* 石鎚本教) registrada na Associação dos Santuários Xintoístas (*Jinja Honchô* 神社本庁), embora mantivesse uma orientação sincrética deliberada (*shinbutsu konkô* 神仏混淆). Atualmente, a *Ishizuchi Honkyô* é classificada como Xintoísmo de Santuário (*Jinja Shintô* 神社神道). Em 2000, estimava-se em 94.136 o número de seus adeptos (*shinto* 信徒), que usufruem do serviço de sacerdotes (*kyôshi* 教師) e seus auxiliares (*yakuin* 役員).<sup>6</sup>

Há outros grupos religiosos que também perpetuam a crença em Ishizuchi. Alguns estão registrados como sendo xintoístas (*Ishizuchikyô* 石鎚教, *Ishizuchi Shinrei Honkyô* 石鎚神霊本教), outros como sendo budistas (*Ishizuchi-san Shingonshû* 石鎚山真言宗, *Shingonshû Ishizuchi-ha* 真言宗石鎚派, *Shingonshû Omuro-ha* 真言宗御室派).<sup>7</sup>

A despeito de eventuais diferenças entre eles, há elementos comuns como a crença em Ishizuchi, as peregrinações ao Monte Ishizuchi lideradas por ascetas (*sendatsu* 先達), a prática de exercícios rigorosos de purificação (*kessai* 潔斎) e a organização de confrarias que seguem a tradição *Shugendô*, que foi tratada no tópico anterior. A maioria desses grupos está sediada na província de Ehime, sendo que os grupos budistas estão ligados à tradição esotérica da escola Shingon. Embora a afiliação a esses grupos religiosos seja bastante instável e fluida, estima-se em mais de 520 mil seguidores, somando-se todos os grupos.<sup>8</sup>

Com a emigração dos japoneses para várias partes do globo, sabe-se que a crença em Ishizuchi foi transplantada ao menos para o Havaí e o Brasil. No Havaí, um santuário foi construído na capital Honolulu (*Hawaii Ishizuchi Jinja*). No Brasil, existem santuários em Mogi das Cruzes (SP) e no Distrito Federal.

<sup>6</sup> Cf. BUNKACHÔ (ed.), *Shûkyô Nenkan: Heisei 11 nen-ban*, pp. 50-51.

<sup>7</sup> Cf. M.SUZUKI, Masataka “Ishizuchi Shinkô”. In: *Encyclopedia of Shinto*; BUNKACHÔ (ed.), *Shûkyô Nenkan: Heisei 11 nen-ban*.

<sup>8</sup> Cf. BUNKACHÔ (ed.), *Shûkyô Nenkan: Heisei 11 nen-ban*.

### Breve história da devoção a Ishizuchi no Brasil

Essa devoção surgiu no Brasil por iniciativa de algumas famílias de imigrantes japoneses, porém não se pode negar a liderança do senhor Chôta Tsuno (1901-1994), um agricultor oriundo da província de Kôchi (ilha de Shikoku). Em meados da década de 1930, Chôta saiu de sua terra natal em direção ao Brasil. Ele vinha acompanhado da esposa, duas filhas e um filho. Assim que chegaram ao Brasil, eles foram morar com Tsuruki, irmão de Chôta que já se encontrava estabelecido nos arredores da capital paulistana. Posteriormente, reproduzindo um padrão bastante comum entre os imigrantes japoneses de então, ele arrendou terras na Vila Conceição e na Freguesia do Ó, sempre plantando hortaliças. Em 1950, ele se uniu a outras quatro famílias de imigrantes japoneses procedentes de Kôchi, para adquirirem um terreno na região montanhosa de Quatinga, município de Mogi das Cruzes, na divisa com Suzano (SP). Mantendo-se na atividade agrícola, Chôta produzia batata, tomate, repolho e outras hortaliças. Em 1955, houve uma seca bastante rigorosa nessa região, que levou os agricultores a um estado de quase desespero e de medo de perderem toda a produção. Então, Chôta e outras três famílias (Tanabe, Yokotobi e Umiji) recorreram à devoção ao “Santo da Pedra” (*Ishizuchi*). Guiadas por outro imigrante, senhor Noda, que conhecia a montanha da região, algumas pessoas se dispuseram a subir até o seu topo. O grupo acabou se perdendo no trajeto, mas isto não o demoveu da ideia inicial. Pelo contrário, esta dificuldade foi interpretada como provação divina, para testar a força de vontade, a determinação e a fé dessas pessoas.

Depois das 23 horas, chegando ao topo da montanha – cuja aparência lembrava o Monte Ishizuchi –, eles rezaram fervorosamente até o amanhecer, com o intuito de obter a graça de chover na região. De fato, quando voltavam para suas casas, começou a chover. As pessoas lembram que houve chuva contínua e abundante apenas no vale daquela região, o que salvou a plantação local de batata. A chuva e os bons resultados na colheita foram, então, interpretados como sinal da força e da intervenção da divindade. No ano seguinte, Chôta foi ao Japão e trouxe para o Brasil os símbolos e as representações da divindade. Pouco depois de sua chegada, um grupo levou as três estátuas de Ishizuchi ao topo da montanha, em peregrinação.

A partir de 1957, foi estabelecido que essa peregrinação ocorreria em todo primeiro domingo de julho, para coincidir com o festival japonês, em Shikoku. Neste mesmo ano, Chôta construiu em seu sítio uma pequena capela para abrigar as estátuas da divindade. Em 1961, juntamente com vizinhos e parentes, ele ergueu um santuário maior, que passou a ser gerido por um grupo de pessoas da vizinhança. Em 1977, o filho do senhor Chôta se mudou para Brasília. Com

idade já um pouco avançada, Chôta decidiu juntar-se ao filho no ano seguinte. Em 1982, trouxe as estátuas da divindade para a fazenda do filho, que fica a uns 70 quilômetros da capital federal. Para abrigar as estátuas, foi construído um pequeno santuário, onde também se realiza uma cerimônia mensal, chamada “missa”, que reúne aproximadamente dez pessoas em média. A exceção é a cerimônia do primeiro dia do ano, que agrega de sete a dez vezes mais convidados. Após cada cerimônia, é de praxe haver um almoço coletivo, no qual não se come carne vermelha.

No primeiro domingo de julho, costuma-se organizar uma caravana que parte de ônibus, de Brasília até o santuário de Mogi das Cruzes. Em 2006, foram celebrados os 50 anos da fundação da Ishizuchi no Brasil. Estima-se que mais de mil pessoas tenham participado do festival de comemoração (*kinen taisai* 記念大祭) em Mogi das Cruzes. Sacerdotes do santuário central da *Ishizuchi Honkyô* vieram especialmente do Japão para o evento, tendo em vista que a filial brasileira é considerada *yôhaisho* 遥拝所, um local de culto à distância. Apesar disso, a relação com a sede japonesa tem se caracterizado pela informalidade e independência. Por exemplo, o senhor Chôta, assim como sua nora e neto, estiveram no santuário japonês em momentos diferentes; porém tudo indica que nenhum representante brasileiro chegou a receber treinamento especial ou sistemático na sede do Japão. Ademais, não há uma relação de dependência institucional ou contato regular entre as representações dos dois países, bem como não há programa de treinamento clerical ou de estudo para os devotos no Brasil.

### Reflexões finais

A crença na divindade Ishizuchi segue um padrão recorrente na história religiosa do Japão, em que elementos nativos se misturam a outros provenientes do estrangeiro. Foi assim que surgiu o Xintoísmo e que o Budismo tomou um rumo bastante peculiar ao ser “niponizado”. No culto a Ishizuchi, crenças ancestrais em divindades residentes nas montanhas se mesclaram a elementos do Budismo esotérico e do Taoísmo vindos da China. Essas práticas religiosas sincréticas, que se perpetuaram por séculos a fio, foram mantidas de forma desburocratizada e informal sob a liderança dos ascetas montanheses *yamabushi*. Essa característica parece ter-se mantido mesmo após o reconhecimento legal da tradição em épocas mais recentes.

Diferentemente do período entre guerras, em que o governo militar japonês patrocinava a expansão do Xintoísmo como instrumento complementar de dominação, a recriação do culto a Ishizuchi no Brasil ocorreu de forma espontânea, sem a iniciativa da sede japonesa ou a interferência governamental. O fenômeno

se assemelha a outros casos recorrentes na comunidade *nikkeis*, em que imigrantes buscam a proteção das divindades japonesas (*kami* 神) construindo em solo brasileiro réplicas de santuários preexistentes no Japão. Takashi Maeyama cita alguns exemplos como o do *Sanso Jinja* 蚕祖神社, um santuário xintoísta construído em 1938 na cidade de Bastos (SP), sob inspiração de santuário existente na província japonesa de Fukushima.<sup>9</sup>

A dinâmica desses grupos nipo-brasileiros espelha, novamente, a situação japonesa, ou seja, mais que uma religião codificada e burocratizada, eles existem geralmente no formato de confraria ou associação religiosa (*kôsha* 講社). Estas associações talvez estejam entre as principais expressões da religiosidade popular japonesa. Sua forma básica consiste de um líder e dos membros ou adeptos, que se reúnem mensalmente ou em determinada época do ano para prestarem culto a uma divindade, Buda ou bodisatva. De modo similar à Ishizuchi no Japão, que resultou de interpenetrações de distintas tradições religiosas, o grupo nipo-brasileiro mantém uma tal independência que permite a ele dialogar com tradições japonesas e brasileiras.

A percepção subjacente é que as várias religiões não seriam exclusivas ou conflitantes. Ao contrário, todas elas emanariam de uma mesma fonte e, por isso, podem ser complementares. Como me disse o atual líder *nikkeis* em entrevista de 1º-8-2009, em sua residência: “A gente num tem estudo. A gente vai pelo sentimento.” Depois, complementou reproduzindo a origem sincrética da devoção professada: “Religião é tudo igual, né? A gente tem que respeitar uns aos outros.”

### Referências bibliográficas

- BEFU, Harumi. *Japan - An anthropological introduction*. Tokyo: Charles Tuttle, 1983.
- BUNKACHÔ (ed.). *Shûkyô Nenkan: Heisei 11 nen-ban* [Anuário das Religiões: Edição do ano 11 da era Heisei]. Tóquio: Gyôsei, 2000.
- EARHART, H. Byron *A Religious Study of The Mount Haguro Sect of Shugendô. An example of Japanese mountain religion*. Tokio: Sophia University. 1970
- ISHIZUCHI JINJA/ ISHIZUCHI HONKYÔ (eds.). *Ishizuchi Jinja*. Saijô-shi, Ishizuchi Honkyô, 8ª. Edição. s.d.
- MAEYAMA, Takashi. Japanese Religions in Southern Brazil: Change and Syncretism, In: *Latin American Studies*. University of Tsukuba, v. 6 (1983): 181-238.
- SUZUKI, Masataka “Ishizuchi Shinkô”. In: *Encyclopedia of Shinto*. s.d. <http://eos.kokugakuin.ac.jp/modules/xwords/entry.php?entryID=1301>

Recebido: 21/04/2011

Aprovado: 15/06/2011

---

<sup>9</sup> Cf. T.MAEYAMA, Japanese Religions in Southern Brazil. In: *Latin American Studies*, pp.181-238.